

## **A cultura africana e afro-brasileira na literatura de Joel Rufino dos Santos, Júlio Emílio Braz e Rogério Andrade Barbosa: interações possíveis**

**Profa. Dra. Eliane Santana Dias Debus (UNISUL, Tubarão, SC)**

### **Resumo:**

*Esta comunicação tem como foco de análise os títulos de literatura infantil de Rogério Andrade Barbosa, Joel Rufino dos Santos e Júlio Emílio Braz, autores que (re)contam narrativas da literatura oral africana e afro-brasileiras, com a tentativa de destacar as contribuições que os títulos desses autores oferecem à formação literária do leitor, tanto pelos aspectos estéticos quanto pelos culturais. Ao apresentar às crianças brasileiras histórias de diferentes povos, neste caso a tradição oral africana e dos nossos negros, entende-se que haverá melhor compreensão da diversidade e pluralidade cultural que nos cerca.*

**Palavras-chave:** literatura infantil e juvenil, diversidade, literatura oral africana, afro-brasileira.

### **Introdução: onde se apresentam as tintas da tela textual**

Em documento produzido no início da década de 1990, a pesquisadora Nadia Glotlib (Apud Hollanda, 1994) avaliava os principais grupos emergentes nos estudos teóricos na área de Letras: a literatura feita por mulheres, a literatura africana, a literatura popular (oral e de cordel) e a literatura infanto-juvenil. A partir desses dados, Heloísa Buarque de Hollanda (1994) aponta os traços comuns dessas narrativas e sua emergência como resultado de novos paradigmas:

São aquelas que até pouco tempo foram identificadas como áreas marginais, não consideradas, ou quase não consideradas, legítimas pela historiografia canônica e cujos produtos foram tradicionalmente definidos como gêneros “menores” na medida em que se apoiavam em literaturas orais, correspondência, narrativas populares, cuja “qualidade” era sistematicamente posta em questão pela crítica literária (HOLLANDA, 1994, p.453).

Quase que regras implícitas nos trabalhos de caráter teórico sobre a literatura de recepção infantil eram/são a justificativa do estudo e os méritos do gênero, como se fosse necessário marcar terreno e deixar claro que este era/é um discurso válido para os estudos literários. Literatura infantil não é um gênero menor! Este questionamento sobre a validade de um discurso afirmativo também foi discutido em plenária em dois eventos recentes: Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil (PUCRS - 11 a 13 de junho de 2008) e no V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil (UFRJ – 8 a 10 de junho de 2008).

Ao trazer para análise os títulos de Joel Rufino dos Santos (*Gosto de África: histórias de lá e daqui*); Júlio Emílio Braz (*Lendas Negras e Sikulume e outros contos africanos*) e Rogério Andrade Barbosa (*Contos ao redor da fogueira*), em que a especificidade do gênero, juntamente com a tematização das narrativas (cultura africana e afro-brasileira) e a oralidade que emergem delas, adentramos num terreno em que o diálogo com os discursos emergentes se anuncia de forma evidente, já que a literatura infantil, literatura africana e literatura popular se entrelaçam e ganham espaço num único discurso.

As mudanças gradativas nos estudos literários são resultados de novos paradigmas construídos socialmente. Refletir sobre um produto cultural destinado à infância é exigir qualidade no que é produzido, é validar o papel estético da palavra e a sua contribuição para uma sensibilidade leitora. No que diz respeito à representação da cultura africana, e aqui no caso específico dos recontos africanos pelas mãos desses escritores, as exigências legais e a procura mercadológica reacendem a sua existência.

## **1 As leis, as diretrizes curriculares e o mercado editorial: uma pincelada**

As políticas afirmativas, entre elas a Lei nº 10.639/03<sup>1</sup>,-MEC e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira-julho/2004, inserem a literatura, juntamente com o ensino de História e Artes, como protagonistas dessa temática no currículo escolar.

Atualmente, estudos significativos vêm sendo produzidos por pesquisadores de diversos campos do conhecimento, em especial de Letras e Educação, na tentativa de (re)significar o olhar para as narrativas que tematizam a questão étnico-racial. Entre esses trabalhos, pode-se destacar o artigo de cunho historiográfico de Maria Cristina Gouvêa (2000), que analisa as representações sociais sobre o negro na literatura de recepção infantil no Brasil, nas três primeiras décadas do século XX. Travestida em uma suposta integração racial, essa produção é marcada por uma visão etnocêntrica, na qual as personagens são identificadas pelo desejo de embranquecimento. Outrossim, os estudos de Andréia Sousa (2003; 2005) focalizam os títulos produzidos a partir da metade da década de 1980, já com marcas afirmativas de uma identidade negra.

Teríamos, no Brasil, uma produção literária de recepção infantil que contribua para a noção de pertencimento das crianças negras?

Para responder a essa questão, mapeamos, em pesquisa anterior<sup>2</sup>, a produção literária contemporânea a partir de sete catálogos editoriais (Ática, Companhia das Letrinhas, DCL, FTD, Paulinas, Salamandra e Scipione), referentes aos anos de 2005/2006, verificando-se que a representação de personagens negras na literatura infantil, mesmo tendo ganhado, nos últimos anos, mais espaço nas editoras, ainda ocupa um lugar muito pequeno. Do total de 1.785 títulos levantados, 79 trazem personagens negras, e, das editoras levantadas, as que mais têm se dedicado à temática são a DCL e a Paulinas. Os escritores Rogério Andrade Barbosa, Joel Rufino dos Santos, Júlio Emílio Brás e as escritoras Georgina Martins e Heloisa Prieto são os que têm mais títulos dedicados ao tema, por isso a opção pelas narrativas dos três escritores aqui apresentados.

Poderíamos, num primeiro momento, acreditar que o aumento de narrativas que apresentam personagens negras seja uma estratégia política de dominação, concedida pela cultura dominante e a ela atrelada, por isso negá-la deveria ser uma prerrogativa. No entanto, esse eco das “vozes das margens”, nesse caso específico na literatura para crianças, é resultado do que Stuart Hall (2003) nomeia “de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural” (p.320). Desse modo, caberia a nós pesquisadores estudar essa emergência e não abandoná-la.

---

<sup>1</sup> É necessário lembrar que, em 10 de março de 2008, foi promulgada a Lei n. 11.645, que altera a Lei n. 10.639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

<sup>2</sup> As pesquisas “A representação do negro na literatura brasileira para crianças e jovens: negação ou construção de uma identidade?” (PUIP-2006) e “As histórias de lá para leitores daqui: os (re)contos africanos para crianças pelas mãos de escritores brasileiros” (PUIP, 2007), foram realizadas através do Programa Unisul de incentivo à Pesquisa.

## 1 *Gosto de África: histórias de lá e daqui*, de Joel Rufino dos Santos

Um outro fator de influência foi minha avó, analfabeta, mas que era como a Vó Totonha, de José Lins do rego. Vocês conhecem a personagem, que ia de fazenda em fazenda, contando histórias pros meninos? Ela era da casta dos contadores de histórias. Isso vem da África, da África ocidental. Minha avó era uma Griot, contava histórias, muitas histórias.

Joel Rufino dos Santos

Joel Rufino dos Santos nasceu em 1941 na cidade do Rio de Janeiro, e inicia seu exercício de escrita para crianças e jovens nas páginas da revista *Recreio*, na década de 1970. Professor e pesquisador das raízes históricas brasileiras, apresenta de forma constante, na sua produção literária, a temática dos povos excluídos. A representação indígena, por exemplo, está presente em *O curumim que virou gigante* (1980) e *Ipurupirara* (1986). Dos muitos de seus títulos que trazem a temática negra, podemos citar *Dudu*, *Calunga* (1986), *O presente de Osanha* (2003) e *Gosto de África: histórias de lá e daqui* (Global, 2005), em que o respeito à religião africana, os usos e costumes africanos como o vocabulário, a vestimenta, a alimentação e a medicina natural são referências centrais, bem como a característica afro-brasileira de nosso povo.

O livro *Gosto de África: histórias de lá e daqui*, publicado pela primeira vez em formato de livro em 1998, é composto de 7 contos, sendo que três situam-se no continente Africano, narrando mitos, lendas e tradições negras de lá; e quatro se situam em terras brasileiras, trazendo, além de casos populares daqui, a representação de personagens da História do Brasil esquecidos pela história oficial, como Luísa Mahin e seu filho Luís Gama.

Vejamos as três narrativas “de lá”.

“As pérolas de Cadija” narra a história de uma menina do Senegal, negra e mulçumana, que, com a perda da mãe, é criada por uma madrastra. Como nas narrativas populares, de onde beberam os narradores dos contos de fadas, a madrastra exige da enteada todos os tipos de sacrifícios carregados de maldade. Ao cumprir a tarefa absurda de caminhar cinco dias e cinco noites, por caminhos tortuosos, até a cidade de Dakar para lavar com a água salgada do mar uma colher, tendo às costas o seu irmão caçula, a menina se depara com as mais ardilosas armadilhas de criaturas como o Qui-bungo e o Abutre mortal, conhecido como Arranca-Corações.

Para cumprir sua empreitada a menina é auxiliada por um mendigo, que, ao receber atenção e auxílio da menina, profetiza: “Espere anoitecer. Só lave a colher quando aparecer a lua. Você vai ver” (SANTOS, 2005, p.6). Superar os obstáculos e ser premiada é a paga de Cadija que, ao chegar ao mar e inserir a colher na água, recolhe pérolas e mais pérolas com as quais encheu sua canga. Estava rica a menina.

A visão maniqueísta das narrativas feéricas desponta no texto: o bem é premiado, a maldade é castigada. A madrastra, perseguindo o mesmo destino de riqueza, percorre o caminho de Cadija em busca das pérolas, mas não retorna. Em casa, a irmã postiça de Cadija encontra, dentro do Cuscuz, o coração, ainda batendo, de sua mãe.

A narrativa de “A sagrada família” é situada no Egito (Rio Nilo), há dez mil anos e apresenta a história de Osíris, “um deus que tinha o corpo de homem” e tinha como esposa Ísis. Acreditando que os egípcios já tinham realizado todas as proezas, ele deixou o comando do reino sob o encargo de Ísis e foi civilizar outras terras.

A temporalidade da narrativa mítica é descrita pela passagem de um tempo que não transforma e/ou envelhece os deuses, “centenas de anos se passaram sem nenhum envelhecer”, quando se tem notícias do retorno de Osíris, que, numa emboscada, é preso em um ataúde e jogado no rio, para, no entanto, o maravilhoso ser anunciado quando Ísis sonha que seu companheiro está enterrado sob uma árvore:

Ísis passara a infância na Núbia, centro da África. Segundo a tradição, após o dilúvio, Noé teve um filho negro de nome Cam. Cam se mudou para a África e teve dois filhos: Misr, que deu origem aos egípcios, e Caxe, que deu origem aos núbios (núbios ou cuxitas são a mesma coisa). Pois bem: Na Núbia, Ísis aprendera como se penteiam as rainhas e como se ressuscitam os mortos. Para se aproximar da tamarqueira, sob a qual Osíris estava enterrado, ela se transformou num gavião. (SANTOS, 2005, p.19).

O conto “O leão do Mali” traz a história de Sundiata Mari Djata, filho de Sogolon e Naré Maghan, o qual, mesmo sem ter andado até os sete anos de idade, cumpre a tradição de ser rei dos mandingas ao cumprir a profecia: dobrara “a vara cumprida e muito antiga de ferro” que virou arco. Com ela Sundiata fez a guerra contra os inimigos dos mandingas e fundou o Mali. Nasce daí a lenda do Leão do Mali, como ficou conhecido Sundiata.

Os contos são escritos em linguagem concisa e clara, sem rebuscamento das palavras, lidas a galope. Nas três narrativas o elemento mágico da metamorfose marca presença.

## **2 Os recontos africanos nos livros *Lendas Negras e Sikulume e outros contos africanos*, de Júlio Emílio Braz**

Sempre me resenti como afro-descendente da inexistência de livros que falassem sobre a África ou que contassem suas histórias. Sem procurar muito, até hoje é bem mais fácil encontrar livros com lendas européias, vikings, russas, japonesas.

Júlio Emílio Braz

Nascido em Minas Gerais, Júlio Emílio Braz (1959) muda-se ainda criança, aos cinco anos de idade, para o Rio de Janeiro. Aos 21 anos assume o ofício de escritor, produzindo roteiros de histórias em quadrinhos e, mais tarde, livros de bolso do gênero *western* (412 títulos no total, utilizando 39 pseudônimos diferentes). Sua produção para o público juvenil tem início em 1988, com o livro *Saguairu* que focaliza o embate entre um índio e um lobo-guará. Seus títulos, em sua maioria, direcionam-se ao público adolescente e a temática étnico-racial aparece em um número expressivo deles.

Negro, o escritor diz ter se reconhecido como tal somente aos vinte e poucos anos de idade, “meus sentimentos em relação a minha cor ou a minha etnia eram simplesmente embranquecidos” (BRAZ, 1997). No prefácio de *Pretinha, eu?*, o escritor declara não ser este um livro autobiográfico, mas que, certamente, tem um pouco da sua cara.

*Lendas Negras e Sikulume e outros contos africanos* apresentam estruturas próximas: reunião de contos que relatam histórias de diferentes povos africanos, apresentando a multiplicidade cultural desse continente plural.

*Lendas Negras* é composto de oito contos que têm sua origem nas narrativas populares de diferentes países da África (Botsuana, Angola, Mali, Tanzânia, África do Sul, Nigéria e Quênia). As

informações sobre a origem de cada conto e a sua amplitude no universo oral africano são apresentadas num paratexto ao final do livro. Já, o livro *Sikulume e outros contos* africanos, composto de sete narrativas, diferentemente do outro livro, não nos localiza territorialmente, mas permite que a cada leitura perceba-se um espaço diferenciado, embora marcado pela atemporalidade do “Era uma vez”, “Há muitos e muitos tempos” etc.

A oralidade é a marca dessas narrativas construídas e perpetuadas por gerações e gerações de narradores.

A seguir apresenta-se uma síntese para o reconhecimento do que elas têm em comum.

Em ambos os livros a construção narrativa se dá em forma de lendas (do latim *legenda, legere* – “ler”), narrativas de caráter marcadamente oral que vão sendo transmitidas de boca em boca, perdendo fios aqui, ganhando outros ali, e, por meio de encontros geracionais, vão ganhando vida sempre renovada. Ao transportar estas narrativas do mundo oral para o mundo da escrita, Júlio Emílio Braz exercita seu ofício de escritor, o mais próximo do narrador tradicional, no caso *o griot* - o contador de histórias da tradição oral africana, aquele que tem guardada na memória a memória da sua gente.

A explicação fictícia e sobrenatural para acontecimentos verdadeiros, inexplicáveis cientificamente, envolve esses relatos de cunho fantástico, onde o inventivo prepondera. No entanto, esse fantástico não tem caráter de puro entretenimento, é acompanhado da finalidade de educar, ditando regras de convivência no universo social. Walter Benjamin (1994) destaca a dimensão utilitária e o caráter de aconselhamento da verdadeira narrativa, conselho este que “tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (p. 200).

Na lenda “Quem perde o corpo é a língua” (BRAZ, 2001), por exemplo, um caçador conta vantagens a seu povo por falar com a morte, uma caveira que reiteradamente e cheia de mistérios afirma “quem perde o corpo é a língua”. Realmente, a língua leva o caçador à morte, pois este se dá mal por contar vantagem de sua ligação e poder comunicativo com a inusitada amiga.

O castigo e a punição despontam como características dessa narrativa. E a morte, por sua vez, travestida na imagem da caveira não assusta, é algo natural - este conto oral também foi recolhido por Lourenço do Rosário, em *Contos africanos* (2001).

A metamorfose, componente frequente nas narrativas de recepção infantil – sapos que viram príncipes, ratos que ao toque de uma varinha de condão ganham ares de cocheiros, príncipes que enfeitados tornam-se pássaros -, se faz presente nas narrativas lidas. Em “Tsui’goab ou a batalha contra a morte” (BRAZ, 2001), temos as aventuras de um aldeão do povo Kói, deserto do sul da África, que ao lutar contra a Gaunab (a morte), vence, mas perde vida, tornando-se Tsui’goab, um deus da chuva que vem acalantar a sede e a fome do seu povo, depois de uma eterna seca. Ou o homem-leão que protege uma aldeia dos seus próprios ataques (BRAZ, 2001). A morte pode ser punição, mas também redenção. Ela não é encarada como algo temeroso, assustador, mas algo natural.

Em três contos de *Sikulume* (2005), o canibalismo é matéria prima para a narrativa: o grande chefe dos animais que devora tudo e todos, ou a mãe canibal que sacia a fome, devorando seus filhos, juntamente com todo o povo da aldeia. Em ambos, as personagens têm a barriga estripada e fantasticamente todos aqueles que eram alimentos saem são e salvos.

### **3. Os (re)contos africanos de Rogério Andrade Barbosa, palheta multicolor**

Raro é o sonho que começa e acaba na mesma noite. A verdade não está num só, mas em muitos sonhos.

Provérbio africano

O escritor carioca Rogério Andrade Barbosa, ao retornar na década de 1980 da Guiné-Bissau, onde ficou por dois anos como professor voluntário da Organização das Nações Unidas (ONU), traz, na bagagem, diversos contos africanos que consegue recontar sem perder o fio imemorial da oralidade que enreda essas narrativas. O respeito à ancestralidade e o valor dos *griots*, contadores de histórias, estão presentes em sua produção literária de forma singular.

*Contos ao redor da fogueira* (1990) é composto de duas narrativas – “Kumbu, o menino da Floresta Sagrada” e “Buanga, a noiva da chuva” –, nas quais estão presentes crenças, tradições e tabus de povos africanos. Ao contrário dos livros posteriores do escritor, estes não mapeiam a região de origem da história. A primeira narrativa traz o relato de um tabu, em alguns povos africanos, em torno do nascimento de gêmeos, o que, diferentemente de outras culturas, é visto com mau preságio e, por isso, as crianças são abandonadas na floresta. Kumbu, um dos gêmeos, supera seu triste destino do abandono na floresta: ele ganha o colo de Koya e poderes mágicos, passa por infortúnios e, com maestria, dribla a morte também na juventude. Já, a segunda narrativa é baseada numa tradição que teve seu último registro na África Oriental em 1923, que consiste na seleção de jovens virgens para servirem de sacerdotisas para os deuses da chuva. Escolhida para ser a mulher do espírito da chuva, Buanga é afastada dos seus na infância e vive em reclusão, mas é raptada de seu destino por Demba, seu amigo de infância, agora um belo jovem.

O livro *Duula, a mulher canibal – um conto africano* (2000) recria o relato mítico da tradição oral africana, em especial do povo somali, que tem as mulheres-canibais como protagonistas. A metamorfose da jovem e bonita pastora Duula em horripilante mulher canibal é descrita de forma magistral, e os leitores, aos poucos, vêem crescendo diante de si aquela figura de estranhos poderes (corre mais rápido que leopardo, tem visão aguçada, dentes afiados, incrível audição), que “come carne crua e rói ossos de seres humanos”. No entanto, a transformação é promovida por elementos sociais e não mágicos: a fome, a miséria e a seca acabaram com seus familiares e a deixaram abandonada na solidão do deserto.

Como o próprio autor observa em suas notas, que introduzem a narrativa, o diálogo com outros contos populares fica visível nessa narrativa. Assim, é difícil o leitor não aproximar as aventuras do casal de irmãos gêmeos Askar e Mayran daquelas de *João e Maria*; não perceber nas advertências da mulher canibal o mesmo discurso do temível *Barba Azul*; assim como é impossível deter-se no diálogo de apresentação entre os irmãos e Duula sem reviver na memória a narrativa de *Chapeuzinho vermelho*:

– Po... po... por... que a senhora tem os olhos vermelhos desse jeito, tia? – gaguejou Mayran.

– E esses dentes que parecem de lobo? – perguntou Askar.

A narrativa bíblica da travessia do Mar Vermelho surge para salvar os irmãos e destruir Duula. Entre as tempestades de areia do deserto e o cheiro de carne humana apodrecida e ossos acondicionados em vasos de barro, esse livro encanta e amedronta; espanta e acalanta.

*O filho do vento* (2001) reconta uma lenda dos bosquímanos, povo nômade que habita o deserto do Kalahari. Enquanto o vento zune “lá fora”, a mãe narra aos seus dois filhos, Dabé e Kauru, a lenda de seu povo sobre o filho do vento: um solitário menino, o filho do vento, encontra Nakati, menino de sua idade, e com ele joga bola, sem, no entanto, revelar a sua identidade. Alertado pela mãe, Nakati descobre o segredo do seu companheiro de brincadeiras e o perigo de pronunciar o seu nome Fuuuuuuu Shuiiiii. Terminada a narração da lenda, a mãe que a contou alerta os dois filhos para jamais pronunciarem o nome do filho do vento, pois perigos na certa surgiriam. A dimensão utilitária do narrado e o tom de conselho da narradora nos remetem ao que Walter Benjamin (1994, p. 200) descreveu como partes integrantes da natureza da verdadeira narrativa.

Em *Como as histórias se espalharam pelo mundo* (2002)<sup>3</sup>, o escritor narra a lenda do povo ekoi, da Nigéria. A narrativa é uma viagem aos quatro cantos da África, conduzida por um curioso e inteligente ratinho. Esse personagem como que reacende a imagem de um *griot* a colecionar histórias, desvendando os aspectos culturais dos povos africanos: no cotidiano das savanas, mulheres que, com os filhos amarrados às costas, fazem suas atividades domésticas; ferreiros que, nos fornos de barro, dão vida aos metais; tecelãs que tecem com fios coloridos as suas roupas; crianças que espantam os corvos dos milharais. Na escuridão da Floresta de Ituri, a dança dos pigmeus; na cidade de Ifé, os rituais em homenagem aos orixás. O silêncio dos mosteiros na Etiópia; a magnitude das pirâmides do Egito; as canções entoadas nas mesquitas; as vozes alteradas nos bazares de Marrocos; os barcos repousando suas velas no porto do rio Níger... Ao final de sua incursão mágica, o rato tece as histórias em cordões mágicos que são soltos pelo vento e se espraíam a outros espaços.

Os três últimos títulos foram ilustrados por Graça Lima, devendo este aspecto ter seu merecido destaque, pois a ilustradora comunga uma feliz parceria com o escritor em relação ao respeito à diferença, marcando seu traçado por uma apurada pesquisa dos elementos plásticos africanos: o colorido das roupas em oposição ao ocre da terra, a estilização dos cenários, resultando, enfim, num trabalho de esmero e afetividade.

Outro dado significativo que colabora para o comprometimento dessas narrativas com o respeito ao outro, antecipando as suas singularidades, é que, em *Duula, a mulher canibal* e *Como as histórias se espalharam pelo mundo*, um mapa do continente africano antecipa as histórias, localizando o leitor sobre a origem da lenda a ser narrada naquelas páginas. As informações geográficas sobre a África, explícitas num paratexto, abrem caminhos para a compreensão dos diversos tipos de organizações sociais e econômicas dos seus povos.

## **Conclusão**

Os três escritores possuem características nas suas trajetórias literárias que os aproximam, são escritores que produzem sobre a temática africana ou afro-brasileira há um bom tempo: Joel Rufino dos Santos é o que está há mais tempo no mercado, década de 1970, enquanto os outros dois iniciaram na década de 1980.

Aqui poderíamos afirmar que esse trio não confecciona suas narrativas movido somente por uma necessidade imediata do mercado editorial. Todos buscam o diálogo com a tradição oral para recontar suas histórias, em que ora seus narradores personagens são *griots*, como é o caso das narrativas de Rogério Andrade Barbosa, ora o próprio escritor cumpre esta função, no caso de Júlio Emílio Braz e Joel Rufino dos Santos.

Como já destacado em texto anterior (DEBUS; SILVA; AZEVEDO, 2005), no qual se analisavam narrativas de caráter intercultural, constatou-se que elas permitem ao leitor uma reflexão sobre a diversidade e multiplicidade cultural que o rodeia, contribuindo para uma formação em que a pluralidade cultural é edificada pela singularidade de cada indivíduo.

No caso específico das narrativas analisadas, que trazem para a tela a polissemia de cores do continente africano, a suas leituras possibilitam que a criança brasileira conheça pela tinta dos seus escritores um País múltiplo em sua singularidade, um país do qual vieram muitos dos nossos ancestrais.

---

<sup>3</sup> O livro traz um “suplemento de trabalho” elaborado pela professora de Língua Portuguesa e Literatura Magda Frediani Martins, que orienta a professora e o professor para um trabalho interdisciplinar com o livro. Trata-se de uma leitura atenta e reflexiva sobre os elementos da cultura africana que aparecem implícitos na narrativa e na ilustração.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BARBOSA, Rogério Andrade. *Contos ao redor da fogueira*. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
- [2] \_\_\_\_\_. *DUULA, a mulher canibal*. São Paulo: DCL, 2000.
- [3] \_\_\_\_\_. *O filho do vento*. São Paulo: DCL, 2001. \_\_\_\_\_. *Como as histórias se espalharam pelo mundo*. São Paulo: DCL, 2002.
- [4] BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, jul. 2004a.
- [5] \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP3/2004. Brasília, 2004b.
- [6] BRAZ, Júlio Emílio. *Lendas negras*. Il. Salmo Dansa. São Paulo: FTD, 2001.
- [7] \_\_\_\_\_. *Sikulume e outros contos africanos*. Il. Luciana Justiniani. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- [8] \_\_\_\_\_. *Pretinha, Eu?* São Paulo: Scipione, 1997.
- [9] DEBUS, E.S.D.; SILVA, S.R.; AZEVEDO, F.F. Diálogo intercultural e literatura infantil: olhares de Luís Sepúlveda e Jorge Amado. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE DIDÁCTICA DE LA LENGUA Y LA LITERATURA, 8., 2003, Badajoz. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE DIDÁCTICA DE LA LENGUA Y LA LITERATURA, 8., 2003. Anais**. Badajoz: 2005.
- [10] GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*. Texto apresentado no CONGRESSO DO ISCHE (INTERNATIONAL SOCIETY CONFERENCE OF HISTORY OF EDUCATION), 23., 2000, Alcalá de Henares, Espanha. Acessível em <http://www.scielo.br>
- [11] HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra? In: -----. *Da Diáspora: identidade e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et all. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- [12] HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A historiografia feminista: algumas questões de fundo. In: FUNCK, Susana B. (Org.). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.
- [13] SOUSA, Andréia L. *Nas tramas das imagens: um olhar sobre o imaginário da personagem negra na literatura infantil e juvenil*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- [14] \_\_\_\_\_. *A representação da personagem feminina negra na literatura infanto-juvenil brasileira*. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03*. Brasília: MEC, 2005.

## **Autora**

<sup>1</sup> Eliane Santana Dias Debus, Profa. Dra.

Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, Santa Catarina  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem  
[elianedebus@hotmail.com](mailto:elianedebus@hotmail.com)